

“Como uma luta estudantil revelou uma ameaça global”

**DEMOCRACIA**

A LIBERDADE DE EXPRESSÃO EM RISCO

**AMEAÇADA**

E POR QUE PRECISAMOS AGIR, AGORA.

**JOSHUA**

**WONG**

Colaboração de Jason Y. Ng

~~DEMOCRACIA~~  
~~AMEAÇADA~~

*Para aqueles que perderam sua liberdade  
lutando por Hong Kong*

ATO I

# Gênese

*“Não deixe que ninguém o despreze por ser jovem; mas, para os que creem, seja um exemplo na maneira de falar, na maneira de agir, na caridade, na energia, na fé e na pureza.”*

— 1 TIMÓTEO 4:12

## CAPÍTULO 1

# Rumo à Terra Prometida: *A ascensão dos novos honcongueses*

### 到應許之地：新香港人的崛起

Nasci em 1996, o Ano do Rato de Fogo, nove meses antes de Hong Kong retornar ao domínio chinês.

De acordo com o horóscopo chinês, que percorre um ciclo de 60 anos, o rato de fogo é ousado, rebelde e loquaz. Embora, como cristão, eu não acredite em astrologia ocidental nem oriental, essas previsões de personalidade são razoavelmente corretas, sobretudo a parte acerca de eu ser um conversador compulsivo.

“Quando Joshua ainda era bebê, mesmo com uma mamadeira na boca, ele emitia todos os tipos de sons, como se estivesse fazendo um discurso no palco.” É assim que minha mãe ainda me apresenta para as novas pessoas da igreja. Não tenho a menor lembrança do que fiz quando bebê, mas a descrição é bastante crível e acredito na palavra dela.

Aos sete anos, fui diagnosticado com dislexia, um transtorno de escrita e leitura. Meus pais notaram os sinais logo no início, quando tive problemas com os caracteres chineses básicos. Palavras simples que crianças do jardim da infância aprendiam em questão de dias, como “grande” (大) e “muito” (太), pareciam indistinguíveis para mim. Cometeria os mesmos erros nas lições de casa e nos exames até a adolescência.

No entanto, minha fala não foi afetada pela minha dificuldade de aprendizagem. Ao falar com confiança, fui capaz de compensar minhas fraquezas. O microfone me amou e eu o amei ainda mais. Quando criança, contava piadas em grupos da igreja e fazia perguntas que nem as crianças

maiores ousavam fazer. Bombardeava o pastor e os mais velhos com perguntas como “Se Deus é tão cheio de misericórdia e bondade, por que Ele permite que os pobres sofram em lares engaiolados em Hong Kong?” e “Fazemos doações para a igreja todos os meses. Para onde o dinheiro vai?”.

Quando meus pais me levavam em viagens ao Japão e Taiwan, eu pegava o megafone do guia turístico e compartilhava fatos que havia encontrado na internet sobre os lugares para ver e as coisas para fazer, pulando de tópico para tópico como se fosse a coisa mais natural do mundo. O público aplaudia em aprovação.

Minha eloquência e curiosidade inata me rendiam elogios e risadas aonde quer que eu fosse. Graças a minha baixa estatura e bochechas rechonchudas, o que normalmente poderia ser considerado desagradável ou arrogante era perdoado, sendo considerado “engraçadinho”, “original” ou “precoce”. Embora ocasionalmente existissem professores e pais que desejavam que esse pequeno sabichão calasse a boca, geralmente eram minoria e eu era adorado na escola e na igreja. “Seu filho é especial. Ele vai ser um grande advogado um dia!”, os frequentadores da igreja diziam ao meu pai.

No Ocidente, as pessoas podem vislumbrar em uma criança desembaraçada um aspirante a político ou ativista de direitos, mas, em Hong Kong, uma das regiões mais capitalistas do mundo, nenhuma dessas duas opções profissionais seria desejável até mesmo para seu pior inimigo. Uma carreira lucrativa em Direito, medicina ou finanças é o exemplo típico de sucesso aos olhos de todos os pais. Mas os meus não são desse jeito e não me criaram assim.

Meus pais são cristãos devotos. Meu pai era um profissional de tecnologia da informação, mas se aposentou cedo para se concentrar nos assuntos da igreja e no trabalho com a comunidade. Minha mãe trabalha em um centro comunitário local que presta serviços de orientação psicológica familiar. Eles se casaram em 1989, poucas semanas depois que o governo chinês enviou tanques para subjugar manifestantes estudantis na Praça da Paz Celestial. Minha mãe e meu pai concordaram em cancelar as celebrações do casamento e enviaram notas manuscritas para amigos e parentes com uma mensagem simples: “Nossa nação está em crise. Os recém-casados não farão nenhuma cerimônia”. Em uma cultura em que uma festa de

casamento dispendiosa constitui um rito de passagem tanto quanto o próprio ato de se casar, a decisão deles foi ousada e nobre.

Meu nome chinês, Chi-fung, foi inspirado na Bíblia. Os caracteres 之鋒 significam “algo afiado”, uma referência ao Salmo 45:5, que ensina: “As suas flechas são afiadas e atravessam o coração dos seus inimigos; todas as nações caem aos seus pés”. Meus pais não queriam que eu perfurasse o coração de ninguém, mas queriam que eu falasse a verdade e a empunhasse como uma espada para enfrentar mentiras e injustiças.

Exceto pela minha eloquência incomum, eu era uma criança bastante comum. Meu melhor amigo na escola primária era Joseph. Ele era mais alto do que eu, mais bonito e tirava melhores notas. Joseph poderia facilmente andar com os garotos mais populares da turma, mas nos unimos por causa da nossa tendência comum de tagarelar sem parar, conversando durante as aulas, apesar de nos sentarmos a sete carteiras de distância um do outro. No segundo ano da escola primária (alunos de 6 a 7 anos), o sr. Szeto ficou tão farto de nossa conversa ininterrupta que pediu ao diretor que nos colocasse em classes diferentes no ano seguinte. Mas isso não funcionou.

Joseph e eu éramos inseparáveis. Depois da escola, nós nos encontrávamos um na casa do outro para jogar videogame e trocar mangás. O primeiro filme a que assisti em um cinema foi *Batman: O Cavaleiro das Trevas*, um grande sucesso de bilheteria de Hollywood ambientado parcialmente em Hong Kong. Assisti com Joseph.

Tínhamos algo mais em comum. Minha turma foi a primeira a nascer após a transferência da soberania de Hong Kong, processo conhecido como *Handover*. Somos a geração que veio ao mundo durante o acontecimento político mais importante da história de Hong Kong. Em 1º de julho de 1997, após 156 anos de domínio britânico, Hong Kong se livrou do seu passado colonial e retornou à China Comunista. A transferência da soberania deveria ser motivo de comemoração — uma reunificação entre mãe e filho e uma oportunidade para a elite empresarial local explorar o ainda emergente mercado do continente. Porém, para a maioria dos honcongueses comuns, não foi. Muitos dos nossos parentes e amigos tinham deixado Hong Kong anos antes dessa data fatídica por medo do domínio comunista. Quando nasci, quase meio milhão de cidadãos havia emigrado para

países como Estados Unidos, Reino Unido, Canadá, Austrália e Nova Zelândia. Para eles, o comunismo era sinônimo da turbulência política resultante do Grande Salto para Frente — plano econômico fracassado posto em prática entre 1958 e 1962 para industrializar a China, que resultou na morte de cerca de 30 milhões de camponeses por fome em massa — e da Revolução Cultural — movimento sociopolítico que, entre 1966 e 1976, foi liderado pelo presidente Mao Tsé-Tung para eliminar tendências capitalistas e rivais políticos. O comunismo foi a razão pela qual eles e seus pais tinham fugido para Hong Kong; a ideia de ser devolvido aos “ladrões e assassinos” — para usar as palavras de minha avó —, de quem haviam escapado, era assustadora e inconcebível.

Mas, no que me dizia respeito, era tudo boato. Para alguém que cresceu apenas conhecendo o domínio chinês, não eram nada mais do que histórias e lendas urbanas. A única bandeira que eu tinha visto tremulando em locais públicos e do lado de fora dos prédios governamentais era a bandeira chinesa vermelha com cinco estrelas. Além dos ônibus de dois andares ao estilo londrino e dos nomes das ruas aparentemente ingleses, como Hennessy, Harcourt e Connaught, não tenho nenhuma memória da Hong Kong colonial nem sinto qualquer ligação com o domínio britânico. Ainda que muitas escolas locais, como a que eu frequentei, continuem a ensinar em inglês, os alunos aprendem a se orgulhar das inúmeras realizações econômicas da China moderna, especialmente da maneira pela qual o Partido Comunista Chinês tirou centenas de milhões de pessoas da pobreza extrema. Na escola, aprendemos que a Lei Básica — a miniconstituição de Hong Kong, um documento amplamente negociado no qual China e Grã-Bretanha trabalharam antes da transferência da soberania — começa com a declaração de que “a Região Administrativa Especial de Hong Kong é parte inalienável da República Popular da China”. A China é nossa terra natal e, como mãe benevolente, sempre terá os nossos melhores interesses em mente sob o arranjo denominado “um país, dois sistemas”.

O princípio foi celebrado na Declaração Conjunta Sino-Britânica, um tratado internacional firmado pela Grã-Bretanha e China em 1984. “Um país, dois sistemas” foi uma ideia do então líder supremo Deng Xiaoping, que precisava de uma solução para conter o êxodo de talentos e riquezas de Hong Kong durante as negociações da transferência de soberania. Deng



queria tranquilizar os cidadãos em fuga de que a cidade seria reunificada com a China continental sem perder seus sistemas econômico e político distintos. De forma memorável, ele prometeu à cidade que “os cavalos ainda vão correr e os bailarinos ainda vão dançar” sob o domínio chinês.

A estratégia de Deng funcionou. O arranjo “um país, dois sistemas” ajudou Hong Kong a fazer, sem percalços, a transição de uma colônia da Coroa britânica para uma região administrativa especial. Para a maioria das pessoas, a transferência da soberania acabou sendo muito barulho por nada. Pouco depois que o relógio marcou meia-noite, em 30 de junho de 1997, sete milhões de hongcongueses, com os olhos grudados nas telas de televisão, viram Chris Patten, o último governador colonial, sair da Casa do Governador pela última vez. Quando Patten embarcou no Iate Real *Britannia*, acompanhado pelo príncipe Charles, todos deram um suspiro de alívio, pois, apesar da pompa e da circunstância dramáticas, quase nada havia mudado em Hong Kong. Muitas pessoas consideraram que aqueles que haviam fugido da cidade por medo tinham reagido de forma exagerada e subestimado a boa vontade da China.

Meu primeiro encontro com o arranjo “um país, dois sistemas” foi mais visceral do que tratados internacionais e estruturas constitucionais. Aos cinco anos de idade, meus pais me levaram em férias de curta duração para Guangzhou, capital da província de Cantão, da qual Hong Kong também faz parte. Foi em 2001, o mesmo ano em que a China ingressou na Organização Mundial do Comércio (OMC) e iniciou seu milagre econômico.

Naquela época, Guangzhou ainda era um fim de mundo em comparação com Hong Kong. O acesso à internet era irregular e muitos sites estavam bloqueados. Embora as pessoas de Guangzhou falassem cantonês como nós, comportavam-se de forma diferente; em Hong Kong, nunca ficamos de cócoras ou escarramos nas ruas; sempre fazemos fila e esperamos a nossa vez de falar com vendedores e atendentes. Na China, não é assim.

Além disso, os carros eram conduzidos no outro lado da via e os compradores pagavam com pequenas notas surradas chamadas *renminbi*. A sinalização e os cardápios eram escritos com caracteres chineses simplificados, que pareciam familiares, mas não eram exatamente iguais aos tradicionais utilizados em Hong Kong. Até a Coca-Cola tinha um sabor

diferente, porque a água que usavam tinha um gosto residual estranho. “Prefiro o jeito que as coisas são em Hong Kong”, lembro-me de dizer a mim mesmo.

Da geração dos meus pais para a minha, as crianças em Hong Kong cresceram assistindo a animes, desenhos animados japoneses. De longe a economia mais avançada da Ásia, o Japão era considerado há muito tempo pelos hongcongueses como uma cultura criadora de tendências e exportadora de tudo o que é legal. Fui fã incondicional da série de ficção científica chamada *Gundam*, resposta japonesa às franquias da Marvel e da DC. Muitas das minhas séries favoritas — como *Mobile Suit Gundam 00*, *Gundam Seed* e *Iron-Blooded Orphans* — compartilham um ponto em comum: cada uma narra a história de um jovem órfão que luta para encontrar seu lugar no mundo enquanto se transfere de uma família adotiva para a próxima.

O tema recorrente de filhos adotivos em meus desenhos animados de sábado de manhã me faz pensar em minha própria cidade. Sob vários aspectos, Hong Kong é como um filho adotivo que foi criado por uma família branca e que, sem seu consentimento, foi devolvido para seus pais biológicos chineses. A mãe e o filho têm muito pouco em comum, desde a língua e os costumes até a maneira com a qual veem seu governo. Quanto mais o filho é forçado a mostrar afeto e gratidão para com sua mãe há muito perdida, mais ele resiste. Ele se sente perdido, abandonado e sozinho. O arranjo “um país, dois sistemas” pode ter orientado a ex-colônia através de sua transição suave para o domínio chinês, em 1997, mas pouco faz para mitigar sua crise de identidade cada vez mais profunda. Hong Kong é uma cidade que não é britânica e não quer ser chinesa, e sua necessidade de afirmar uma identidade distinta cresce a cada ano.

Isso resume o estado de espírito da minha geração; a primeira a crescer após o fim do domínio britânico, mas antes que o domínio chinês se consolidasse. A ambivalência que minha geração sente em relação à nossa suposta terra natal nos motiva a procurar maneiras de preencher o vazio emocional. Estamos lutando para ocupar nosso lugar no mundo e desenvolver uma identidade à nossa própria imagem. Cada vez mais nos voltamos para nossa cultura pop, língua, comida e estilo de vida como as bases de nossa autoimagem. As iniciativas para preservar bairros

pitorescos, apoiar produtos locais e proteger o cantonês da sua substituição pelo mandarim estão evoluindo gradualmente e se convertendo em uma cruzada juvenil.

Quando eu tinha dez anos, a maior notícia de Hong Kong foi a respeito dos grandes protestos para salvar da demolição dois atracadouros amados e historicamente importantes: o Star Ferry Pier e o Queen's Pier. As manifestações foram mais do que uma resistência contra uma desalmada remodelação e gentrificação urbanas; elas envolveram a defesa de nossa incipiente identidade. Aqueles surtos de resistência e raiva foram apenas a ponta do iceberg. A ascensão dos novos hongcongueses tinha apenas começado.

\* \* \*

No entanto, minha maioria política sofreu um adiamento quando fiz 12 anos. Assim que comecei meu último ano do primário, a única coisa que importava para mim e meus colegas de classe era ser admitido em uma escola secundária decente. Em Hong Kong, temos um ditado: “Escola secundária é destino”. Não é um exagero. O sistema educacional local é implacável e a escola que frequentamos tem o poder de determinar o nosso futuro: em que universidade ingressamos, que curso escolhemos, que tipo de emprego obtemos quando nos formamos, quanto ganhamos, com quem podemos namorar e casar e, em última análise, o nível de respeito que somos capazes de obter da sociedade. É por isso que os pais superprotetores fazem de tudo para criar “portfólios” elaborados para seus filhos, para torná-los mais vendáveis para as escolas. O domínio de diversos instrumentos musicais e línguas estrangeiras exóticas são a regra e não a exceção.

Eu não estava otimista. Sem um currículo excepcional e com um boletim da escola primária prejudicado pela dislexia, sabia que seria uma luta, mas não ia desistir. Se Moisés pôde passar quarenta anos vagando no deserto antes de Josué concluir o trabalho e conduzir seu povo à Terra Prometida, o que era um pouco de trabalho duro para esse rato de fogo?

Há um ditado chinês popular: “O empenho pode compensar todas as deficiências”. Naquele ano, guardei meus videogames e mangás e comecei

a ter mais de vinte horas de aulas particulares por semana. Estudei muito as matérias em que era mais fraco — chinês e inglês — e que tendiam a abaixar minhas notas. Como resultado do meu trabalho duro, consegui obter 0,1 ponto acima da nota média mínima de que precisava para entrar na lista de “alunos recomendados” da minha escola primária. Graças aos meus pedidos sinceros, tanto o diretor quanto o meu professor particular concordaram em escrever cartas de recomendação divulgando não as minhas proezas acadêmicas em si, mas meu “potencial para se destacar”.

Na entrevista final para ingresso na escola secundária, o responsável pelas admissões me perguntou: “Se um dos seus amigos lhe disser que foi vítima de bullying, o que você faria, Joshua?” Sem hesitar, respondi como se tivessem feito a mesma pergunta para mim uma centena de vezes: “Eu levaria meu amigo para a igreja e deixaria Deus aconselhá-lo. Poderia até fazer o mesmo em relação aos autores do bullying. Deus tem um plano para todos”. O responsável pelas admissões sorriu e eu retribui o sorriso.

Quando dei por mim, recebi uma carta informando que havia sido admitido na United Christian College [Escola Cristã Unida] depois que outro garoto tinha sido reprovado em sua proposta. A escola era a minha primeira opção.

## CAPÍTULO 2

# O Grande Salto para a Frente: *O grupo Escolarismo e o programa de Educação Nacional*

### 大躍進：學民思潮與國民教育

A escola secundária foi revigorante. Em vez de sermos tratados como crianças, como fomos nos seis anos da escola primária, éramos agora jovens adultos, com a liberdade de expressar nossas opiniões na sala de aula e executarmos nossas próprias atividades depois da escola. Além disso, o currículo escolar focava menos no aprendizado mecânico e na memorização, concentrando-se mais em análise e em pensamento crítico, o que significava que minha dislexia não era uma desvantagem tão grande quanto costumava ser.

Eu adorava tirar fotos e gravar vídeos. Assim, ia a todos os lugares com minha câmera portátil, captando momentos na escola, grandes e pequenos. Carregava as fotos em minha página do Facebook e as organizava meticulosamente em álbuns. Também criei meu próprio blog para documentar acontecimentos escolares com comentários engraçados. Rapidamente ganhou força e logo conseguiu milhares de seguidores, muitos dos quais eram pais ansiosos para descobrir o que seus filhos estavam fazendo durante a semana. Apesar de ser um recém-chegado na United Christian College (UCC), rapidamente adquiri renome como jornalista, cineasta e colunista de fofocas da escola. Porém, entre meus amigos, era mais conhecido como um *dokuo*, termo japonês para um jovem sem namorada, que sente prazer em ficar sozinho com seus videogames e aparelhos eletrônicos.

Com ou sem namorada, eu me via mais como a criança de *A roupa nova do imperador*, de Hans Christian Andersen, que, quando nenhum dos

habitantes da cidade dizia o que estava pensando, encarregava-se de apontar o elefante na sala; e havia muitos elefantes no sistema educacional local. Certa vez, meu professor de chinês, que tinha perdido a paciência com minhas conversas constantes na aula, mandou eu me calar e ficar parado no canto da sala. Ao me levantar da minha carteira, olhei nos olhos dele e disse: “Esse não é o jeito de ensinar uma criança. Sério, o senhor acha que vou me tornar um aluno melhor encarando a parede?”. Minha pergunta deixou o professor sem palavras e o resto da classe espantado.

\* \* \*

Minha tendência a desafiar as autoridades logo tomou um novo rumo quando combinei minha sinceridade com o poder das redes sociais.

Sempre gostei de boa comida e considerava meu paladar tão afiado quanto minha língua. No segundo ano da escola secundária (alunos de 13 a 14 anos), após sofrer um ano inteiro com a comida medíocre da cantina da UCC, decidi cuidar do assunto por conta própria. Criei uma página no Facebook e uma petição on-line e convidei todos os meus colegas de classe a expressar suas queixas sobre o almoço insosso, gorduroso e de preço exagerado da cantina da escola. A campanha viralizou e mais de dez por cento da escola assinou a petição.

Por causa da sua popularidade, a campanha sem precedentes, intitulada “Por quanto tempo mais vamos tolerar a comida ruim da UCC?”, imediatamente chamou a atenção das autoridades da escola. Alguns dias depois, fui chamado à sala do diretor com meus pais. “Joshua é um bom menino”, o diretor To disse aos meus pais, antes de semicerrar seus olhos e prosseguir: “Mas o que ele fez não foi... Bem... O ideal. Joshua instigou outros alunos e nos colocou em uma posição difícil. Pior que isso, ele nomeou nossa escola em uma petição pública sem a nossa aprovação”. “Mas, com todo o respeito, nosso filho não fez nada de errado”, meu pai afirmou, intervindo em minha defesa. Em seguida, minha mãe, sempre a pacificadora, apresentou uma avaliação sensata que até mesmo o diretor To teve que concordar. “Veja, a página do Facebook já está na rede”, ela disse. “Se o senhor fizer Joshua tirá-la, as repercussões serão muito piores. Acho que devemos deixar assim.” Graças aos meus pais,

sai ileso da sala do diretor; sem nenhuma suspensão nem qualquer forma de medida disciplinar.

No entanto, aquela foi a primeira e a última vez que organizei uma campanha por meio da rede social na escola. Decidi parar, não por medo de voltar a me meter em apuros, mas porque percebi que havia problemas maiores para resolver. Por que se preocupar com questões pequenas na escola quando havia injustiças muito maiores acontecendo todos os dias e bem debaixo dos nossos narizes? Decidi elevar minha mira e me concentrar em coisas maiores e mais prementes.

\* \* \*

Algumas semanas antes da criação da petição sobre a comida da cantina, tive uma epifania. Aconteceu durante uma visita regular à comunidade em uma tarde comum de sábado. Meu pai é um cristão devoto e dedica parte do seu tempo livre trabalhando como voluntário. Eu costumava acompanhá-lo em suas visitas a idosos, famílias carentes e crianças com necessidades especiais.

Naquele sábado em particular, fomos ao asilo de idosos que tínhamos visitado um ano antes. Esperando por nós, algumas dezenas de octogenários já haviam se sentado em um grande círculo na sala de recreação. Reconheci as mesmas paredes em tom pastel descascadas e os móveis surrados de um ano antes. Vi os mesmos rostos me encarando. O asilo continuava com tão poucos funcionários, com comodidades tão antiquadas e com os moradores tão solitários e desamparados quanto meu pai e eu os havíamos deixado da última vez que viemos. Meus olhos se encheram de lágrimas, mas, no fundo do coração, eu sentia mais raiva do que tristeza.

“Qual é o sentido dessas visitas? Qual é o sentido se nada nunca muda?”, perguntei ao meu pai. Ele respondeu dando um tapinha no meu ombro. “Nós os animamos por algumas horas, não é? Vamos mantê-los em nossas orações. É o melhor que nós ou a igreja podemos fazer.”

Por mais que respeitasse o meu pai, discordei totalmente dele. Havia muito mais que poderíamos fazer por aquelas pessoas, mas ainda não tínhamos nos esforçado o suficiente. Não era justo que minha família morasse em um bairro de classe média, frequentasse uma megagreja sofisticada

e passasse férias no exterior, enquanto quase um quinto da população local vivia abaixo da linha da pobreza, com apenas o suficiente para comer e sem uma casa decente para morar.

Na escola, aprendemos que Hong Kong possui um dos coeficientes de Gini mais altos do mundo; ou seja, um indicador da desigualdade de renda. É por isso que todos os dias vemos pessoas idosas vasculhando latas de lixo e empurrando carrinhos pesados de papel reciclado colina acima para vendê-lo por uma ninharia. É uma visão tão comum que já nem notamos mais. Tudo isso pode continuar porque muitas pessoas pensam como os frequentadores de igreja de classe média: vamos rezar e fazer de conta que já fizemos o suficiente.

Estava convencido que Deus havia me colocado neste mundo por uma razão: Ele queria que eu fizesse mais do que apenas louvar Seu nome e estudar a Bíblia. Ele queria que eu agisse. Certa vez, meu pai me ensinou sobre o acrônimo WWJD, que significa “What would Jesus do?” [“O que Jesus faria?”]. Não achava que Jesus sairia do asilo de velhos dando um tapinha autocongratatório no ombro. Se Ele fizesse isso, eu O chamaria de hipócrita, assim como o garoto que desafia o imperador nu.

Após esse episódio, comecei a me sentir inquieto. Dei-me conta de que costuma haver um abismo entre boas intenções e ações, mas não sabia o que, em termos práticos, poderia realmente fazer pelas pessoas naquele asilo ou por qualquer outra pessoa. Fundamentalmente, esse momento decisivo da minha adolescência aconteceu pouco antes de conhecer meu cúmplice na UCC.

Justin era outro *dokuo* na minha classe e nós compartilhávamos as mesmas paixões por videogames, animes e travessuras na escola. Nas férias de verão, depois da segunda série, dois de nossos professores favoritos anunciaram seu plano de se casar. Justin e eu decidimos criar um esquete em homenagem a eles. Justin interpretaria o noivo e convocamos outros colegas da classe para interpretar a noiva e seus parentes. Como o documentarista, gravei o falso casamento. Para aumentar o impacto emocional, até adicionei uma trilha sonora. Quando os recém-casados viram o vídeo no YouTube, ficaram comovidos.

Episódios como esse se espalharam rapidamente pela escola e, apesar de causar problemas de vez em quando, eles nos tornaram os



favoritos dos nossos professores. Também transformaram Justin e eu em melhores amigos.

Mas Justin oferecia muito mais do que companheirismo. Ele já era um viciado em política muito antes de nos conhecermos. “Isso é o que realmente importa”, ele dizia para mim sem rodeios, enquanto consultava *feeds* de notícias sobre eleições locais e projetos de lei do governo em seu iPhone.

Ao longo do tempo, parte do seu sangue quente começou a me contagiar. Visitávamos livrarias juntos e passávamos horas na seção de política. Trocávamos livros entre nós, dobrando instantaneamente a quantidade de títulos à nossa disposição.

Passei o verão de 2009, quando tinha 12 anos, lendo sobre política local e discutindo o que aprendia com Justin. “Isso é uma loucura!”, lembro-me de gritar após ler sobre o bizarro sistema eleitoral de Hong Kong e como fora idealizado para ajudar o governo a obstruir a oposição. “Nosso governo é muito sujo. Por que ninguém fala sobre isso?”, exclamei, exasperado.

Impaciente, Justin revirou os olhos, como se dissesse: “Fico feliz que você finalmente tenha se posto em dia. Bem-vindo a Hong Kong!”.

\* \* \*

De fato, nosso sistema político é único. É o resultado de inúmeras concessões penosas — alguns dizem impiedosas — feitas pela Grã-Bretanha durante as negociações com a China sobre a transferência da soberania e que resultaram na Lei Básica.

A Lei Básica prescreve três poderes de governo: Executivo, Legislativo e Judiciário. Sob o sistema, os cidadãos comuns não têm voz na escolha do chefe-executivo, o cargo mais elevado em Hong Kong e chefe do Poder Executivo. É um cargo semelhante ao prefeito de Londres ou de Nova York. Em vez disso, ele ou ela é selecionado por uma pequena comissão formada por integrantes do Partido Comunista, magnatas empresariais e grupos de interesse especiais, a maioria dos quais recebe sugestões do governo central de Pequim antes de votar. O resultado é um chefe de governo que não presta contas ao povo e que responde apenas aos chefes do norte que o colocaram no cargo.